



Marialzira Perestrello: mulher de vanguarda e pioneira da psicanálise

Marialzira Perestrello: woman of vanguard and pioneer of psychoanalysis

Jorge Luís Ferreira Abrão
Universidade Estadual Paulista
Brasil

Resumo

Marialzira Perestrello (1916-2015) teve participação pioneira na difusão da psicanálise no Brasil, atuando na fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro e divulgando a psicanálise no meio médico. Assim, o presente artigo tem por objetivo compreender a trajetória profissional de Marialzira Perestrello junto à psicanálise brasileira. Para tal foi realizada uma pesquisa histórica, baseada em fontes orais, por intermédio de entrevistas colhidas junto a Marialzira Perestrello e documentais, através da análise de algumas de suas obras. Os resultados indicam que, além de participar da institucionalização da psicanálise no Brasil, está autora promoveu a inserção da psicanálise na Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Sua obra dedica-se, predominantemente, ao estudo da relação entre psicanálise e cultura e história da psicanálise no Brasil

Palavras-chave: psicanálise; Brasil; biografia

Abstract

Marialzira Perestrello (1916-2015) was a pioneer in the diffusion of psychoanalysis in Brazil, participating in the foundation of the Brazilian Psychoanalytic Society of Rio de Janeiro and disseminating psychoanalysis in the medical field. Thus, this article aims to understand the career of Marialzira Perestrello in Brazilian psychoanalysis. To this end, a historical research was made based on oral sources, through interviews gathered from Marialzira Perestrello and documentaries, by analyzing some of her works. The results indicate that, besides participating in the institutionalization of psychoanalysis in Brazil, this author promoted psychoanalysis insertion in the Child Guidance Clinic of the Psychiatry Institute of the University of Brazil. Her work is dedicated, predominantly, to the study of the relationship between psychoanalysis and culture and the history of psychoanalysis in Brazil.

Keywords: psychoanalysis; Brazil; biography

Durante o processo de difusão da psicanálise no Brasil ao longo do século XX, evidencia-se importante participação da mulher na consolidação desta disciplina no país, tanto no que se refere ao exercício da prática clínica, quanto na investigação científica e divulgação das ideias freudianas. Tradicionalmente, apenas para efeito didático, é possível dividir o desenvolvimento da psicanálise no Brasil em dois grandes períodos: etapa de divulgação das ideias psicanalíticas, de 1919 até o início da década de 1940, e período de



institucionalização do movimento psicanalítico a partir de 1944¹. Frente a esta segmentação, é possível identificar uma proeminente participação da mulher no universo psicanalítico brasileiro a partir da década de 1940, período que coincide com o início da institucionalização da psicanálise no país e com o advento de transformações culturais em curso, que começavam a atribuir maior destaque a participação feminina na vida social brasileira, como o recém conquistado direito ao voto.

Neste contexto, identifica-se de forma proeminente, a partir da década de 1940, a participação significativa de mulheres que atuam como fundadoras do movimento psicanalítico brasileiro, entre as quais destacam-se os nomes de Adelheid Lucy Koch, Virgínia Leone Bicudo e Lygia Alcântara do Amaral, fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; Marialzira Perestrello, Inaura Carneiro Leão e Zenaira Aranha, Fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro; Maria Manhães, fundadora da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e Zaira de Bitencourt Martins, fundadora da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Dentre os nomes arrolados acima, alguns inclusive objetos de pesquisas anteriores (Abrão 2010, 2011), destaca-se o de Marialzira Perestrello, tanto pelas ações políticas que capitaneou, com o intuito de promover a difusão das ideias freudianas durante a introdução da psicanálise em seu Estado, quanto por sua vasta produção teórica no campo da psicanálise.

Em favor deste raciocínio devemos expor alguns elementos, presentes na literatura científica, que demonstrem o reconhecimento de Marialzira Perestrello como pioneira da psicanálise brasileira.

O Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil, organizado por Regina Helena de Freitas Campos em 2001, ao elencar o rol de pioneiros da psicologia brasileira dedica um verbete a Marialzira Perestrello, que é apresentada como psiquiatra, psicanalista e escritora.

Por sua vez, Abrão (2001) ao discorrer sobre A história da psicanálise de crianças no Brasil, sustentado em depoimentos colhidos junto a pioneiros da psicanálise, entre os quais a própria Marialzira Perestrello, destaca a participação desta psicanalista enquanto pioneira da análise infantil, tendo em vista sua atuação em uma fase ainda embrionária da Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, onde imprimiu forte orientação psicanalítica ao trabalho que se estruturava nesta instituição.

¹ Perestrello (1995), valendo-se das contribuições de Danilo Perestrello, propõe periodizar a história da psicanálise no Brasil em três etapas distintas: a dos precursores, a dos pioneiros e o momento atual. Neste sentido, os precursores são definidos como aqueles profissionais devotados à causa psicanalítica que, embora não possuísem uma formação sistematizada na área, dedicavam-se a divulgar a psicanálise entre nós e, por vezes, a praticá-la como autodidatas; os pioneiros, por sua vez, constituem-se no primeiro grupo de psicanalistas propriamente ditos que, após terem concluído sua formação, em muitos casos no exterior, dirigiram grande parte de sua atividade profissional para o ensino da psicanálise e para formação de novos psicanalistas, e o momento atual caracteriza-se pelo aumento do número de psicanalistas exercendo atividades clínicas.



Em 2004, Ana Karina Fachini Araújo apresentou, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a dissertação intitulada Marialzira Perestrello: um pouco da vida e obra de uma pioneira da psicanálise no Rio de Janeiro. Neste trabalho a autora teve por objetivo organizar e analisar a obra de Marialzira Perestrello que se estende por mais de cinquenta anos, destacando três grandes pilares de sua produção intelectual: vida de Freud; psicanálise, artes e literatura e história da psicanálise, contribuindo, desta forma, para ampliar a compreensão da história da psicologia e da psicanálise no Brasil.

Frente a estas evidências foi desenvolvido um estudo biográfico com o objetivo de compreender a trajetória profissional de Marialzira Perestrello junto a psicanálise brasileira. Assim, foi realizada uma pesquisa circunscrita no campo da historiografia² da psicanálise, baseada em fontes orais, por intermédio de entrevistas colhidas junto a Marialzira Perestrello nas últimas duas décadas e em análise documental, através da discussão e contextualização de algumas de suas obras mais relevantes.

Desta forma, será apresentada uma breve exposição acerca dos principais eventos socioculturais que marcaram as primeiras décadas do século XX no Brasil, período no qual a psicanálise fez suas primeiras incursões no país, para em seguida contextualizar os principais eventos que marcaram a introdução e o processo de institucionalização da psicanálise em âmbito nacional por intermédio das Sociedades de Psicanálise. Na sequência será apresentado um esboço biográfico de Marialzira Perestrello, destacando sua participação enquanto pioneira da psicanálise e a posição de vanguarda que ocupou, na condição de mulher inserida no contexto científico e cultural da sociedade carioca, durante a segunda metade do século XX.

O contexto sociocultural e a chegada da psicanálise no Brasil

Ainda que a primeira referência as ideias freudianas no meio acadêmico brasileiro tenha surgido no século XIX, por intermédio do eminente psiquiatra baiano Juliano Moreira, que em 1899, fez alusão a psicanálise em sua Cátedra na Faculdade de Medicina da Bahia, a psicanálise surge efetivamente no país, a partir das primeiras décadas do século XX, envolta em uma aura de vanguarda e inovação que fazia fervilhar a vida cultural, científica e econômica nos grandes centros urbanos. Neste sentido, modernismo, feminismo, industrialização e urbanização acelerada foram movimentos contemporâneos ao surgimento da psicanálise no Brasil.

² O termo "historiografia" será empregado neste artigo no sentido definido por William Woodward, ao referir-se à história da psicologia. Segundo ele: "O pensamento histórico não é muito diferente de qualquer outra forma de trabalho intelectual. Em princípio divide-se em duas partes ou fases: método histórico ou análise das fontes, e historiografia, ou análise e síntese. Em outras palavras a coleta de dados leva à apresentação dos resultados e conclusões. Na prática a palavra 'historiografia' passou a ser aplicada a ambas as partes, a análise e a síntese." (Woodward, 1998, pp. 62-63).



Ao discutir o contexto histórico que marca a chegada da psicanálise no Brasil, Reynaldo Lobo apresenta um cenário de grandes transformações políticas, sociais, econômicas e culturais que colocavam a população em um estado de prontidão para a absorção de novas referências culturais, que representassem as transformações que se enunciavam.

O final da primeira Guerra trouxe, portanto, um quadro histórico absolutamente diferente em vários níveis de atividade social e humana: a industrialização se acelerou, ainda que não em graus e em qualidade tecnológica só conhecidos após a Segunda Guerra Mundial; a legitimidade do sistema político, dominado pelos Partidos Republicanos (PRs) dos latifundiários cafeeiros e criadores, foi questionada; uma profunda alteração cultural e ideológica ocorreu entre as elites intelectuais. Um paradoxo do período foi a combinação de racionalismo crescente e voraz importação de novos modelos e novas idéias, vindas sobretudo da Europa. Os mais esclarecidos queriam saber de tudo o que se passava lá fora, “não para copiar”, mas para “entender a realidade nacional”. O advento da psicanálise foi um dos efeitos secundários desta mutação nacional: a modernização burguesa propiciou o aparecimento de projetos iluministas, como a criação da USP, no início dos anos 30, e mesmo a chegada “das coisas freudiana”, como disse Mário de Andrade (Lobo, 1994, p.50).

Neste sentido, podemos considerar a existência de três elementos de transformações socioculturais que deixaram, durante as primeiras décadas do século XX, importante legado enquanto catalizadores de mudanças e inovações que, anos depois, vieram a caracterizar a moderna sociedade brasileira, quais sejam: o modernismo, o feminismo e a psicanálise.

O período que se sucedeu após a Primeira Guerra Mundial marca um momento de renovação, esperança e, particularmente, de ruptura com valores, crenças e referências identitárias. Enquanto via de expressão simbólica privilegiada dos desejos e representações humanas a arte fez coligar em torno de si diferentes elementos dispersos na esfera sociocultural, que submetido ao crivo do artista, ganharam contorno e culminaram em um movimento artístico e literário, definido neste período como movimento modernista, ou simplesmente modernismo.

Assim, o modernismo surge como um movimento de ruptura e transformação em relação a arte tradicional representada pelo parnasianismo e simbolismo, enfatizando características como a independência de pensamento cultural, liberdade estética e constante experimentação.

Embora possam ser encontradas evidências do modernismo no Brasil desde o final da década de 1910, cuja comprovação encontra respaldo por intermédio das obras de Lasar Segall e Anita Mafalhti que datam desse período, de acordo com Mario da Silva Brito (1969), o movimento modernista surgiu oficialmente no país a partir da Semana de Arte Moderna ocorrida no Teatro Municipal de São Paulo entre os dias 13 a 17 de fevereiro de 1922, durante as comemorações do centenário da independência. Nesta ocasião ocorreram exposições de



arte, declamações de poesia, palestras, entre outras atividades, protagonizadas por nomes como: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida e Di Cavalcanti.

Se tomarmos a semana de arte moderna como o epicentro de uma série de transformações, veremos que dois elementos, que se tangenciam com este movimento artístico-cultural, já presentes na cultura brasileira, ainda que de forma embrionária, começam a se enunciar com maior vigor: a emancipação feminina e a psicanálise.

No tocante ao primeiro ponto recorreremos as constatações da psicanalista Teresa Rocha Leite Haudenchild que, ao destacar a interlocução entre Mário de Andrade e Anita Mafalitti, coloca em evidência a valorização da produção feminina e o seu reconhecimento público.

Numa época em que a mulher era considerada posse do homem, Mário fica de tal modo “possuído” pelo novo trazido por Anita que começa a assinar revistas de arte expressionista e estudar alemão para lê-las. Mário, ainda parnasiano, nunca mais será o mesmo após o encontro com Anita: “aqueles quadros foram a revelação”, diz ele (Haudenchild, 2004, p. 63).

Ainda com a finalidade de sustentar a tese de aproximação entre o movimento modernista e o feminismo destacamos as constatações da pesquisadora Constância Lima Duarte no artigo *Feminismo e Literatura no Brasil*, ao salientar a participação da mulher na literatura brasileira das primeiras décadas do século XX e seu efeito revolucionário, ao contestar o status quo assumido pela mulher na sociedade da época. Constata a autora:

Outra inesquecível foi Ercília Nogueira Cobra (1891-1938), que no importante ano da Semana de Arte Moderna, lançava seu primeiro livro, *Virgindade inútil – novela de uma revoltada* (1922), dando início a uma obra polêmica que pretendia discutir a exploração sexual e trabalhista da mulher, e provocou intenso debate e muita crítica entre os contemporâneos (Duarte, 2003, p. 161).

Ao criar possibilidades para que a mulher fosse colocada como protagonista da cena cultural, o movimento modernista, de forma mais específica, e a expressão literária em um contexto mais amplo, transmitem o entendimento de que a mulher pode ocupar lugar de destaque na vida social do país, legitimando assim outras ações emancipatórias com a conquista do direito ao voto consagrada em 1932.

Um segundo ponto de tagenciamento da Semana de Arte Moderna com os demais acontecimentos culturais da época, delinea-se a partir da relação estabelecida com a psicanálise nascendi no país. Vários elementos comprobatórios podem ser arrolados com a finalidade de demonstrar a proximidade e inter-relação entre esses dois movimentos, sobretudo no Estado de São Paulo, como, por exemplo, a presença de vários participantes da



Semana de Arte Moderna de 22 na fundação da primeira agremiação psicanalítica surgida no país em 1927, sob a alcunha de Sociedade Brasileira de Psychanalyse e a participação de Durval Marcondes como coadjuvante do movimento modernista em São Paulo, ao publicar na revista Klaxon, em 1922, o poema “Symphonia em Branco e Preto”

A este respeito escreveu Marialzira Perestrello no artigo “Vanguardas europeias, modernismo brasileiro e psicanálise”, publicado pela Revista Brasileira de Psicanálise em 1994:

Para Afrânio Coutinho, a contribuição em 1922 “não se limita a esfera literária e artística mas envolve toda a cultura, toda a mentalidade brasileira, todas as formas de vida e atividade intelectual num ambiente Nacional” (Coutinho, 1969). Estou de acordo com ele e levanto a seguinte hipótese: de um lado, a psicanálise teve, inegavelmente, influência em algumas vanguardas europeias (ao menos no surrealismo e no expressionismo), de outro lado as ideias “vanguardistas”, ao chegarem no Brasil, tingiram de certo modo o modernismo brasileiro; estes dois movimentos (vanguardas europeias + modernismo brasileiro) ressoaram em intelectuais e psiquiatras paulistas sensibilizando-os, tornando-os aptos a receberem, a escutarem as ideias psicanalíticas (Perestrello, 1994, pp. 452-3).

Paralelamente, no Rio de Janeiro, foram evidenciadas iniciativas de promover a difusão da psicanálise em diferentes círculos culturais, desta forma, uma das iniciativas mais consistente ocorreu em 1928 na Associação Brasileira de Educação. Nesta ocasião foi organizado um Curso de Psicanálise Aplicada a Educação, realizado pelo Prof. Deodato de Moraes e pelo Dr. Porto-Carrero, cuja aula inaugural ocorreu a vinte de abril. O programa do referido curso pode ser encontrado na primeira edição do livro de Porto-Carrero, *Ensaio de Psychanalyse*, publicado em 1929, no qual podemos aferir a ocorrência de 21 aulas ministradas entre os meses de abril a julho. O tema das conferências constitui-se em uma ampla exposição da teoria freudiana, com temas que iam desde a sexualidade infantil até a teoria dos sonhos, passando pela teoria dos símbolos e das neuroses. Estas apresentações tinham por finalidade familiarizar os educadores quanto aos conceitos psicanalíticos, de forma a proporcionar recursos teóricos com vistas a uma melhor compreensão de seus alunos (Abrão, 2001).

A partir da análise dos elementos coligidos acima, é possível afirmar que os primeiros movimentos que marcam a introdução do pensamento psicanalítico no Brasil foram caracterizados por uma forte presença da disciplina freudiana em diferentes esferas da vida cultural, antes mesmo de evidenciarmos uma influência mais consistente da psicanálise sobre a psiquiatria praticada no país, isso se explica na medida em que,

Nessa época, a Psicanálise era entendida, no Brasil, mais como uma teoria com objetivo de compreensão e como uma tentativa de explicação das manifestações psíquicas do que como uma disciplina possuidora de um



saber e de uma prática com características e objetivos particulares (Rocha, 1989, p. 43).

Isso significa dizer que as primeiras aproximações da psicanálise no Brasil foram feitas com a arte, a literatura, a educação, com a finalidade de compreender as diferentes formas de manifestação do ser humano e, só mais tarde, este saber foi sendo apropriado enquanto um recurso terapêutico apto ao tratamento da doença mental com um sistema teórico e técnico próprio.

Mesmo na seara da psiquiatria, as primeiras apropriações das ideias freudianas foram empregadas no campo da prevenção em saúde mental, subsidiando práticas que muito se aproximavam da eugenia. Somente a partir de meados da década de 1930 a medicina, e particularmente a psiquiatria, lançaram mão da psicanálise com finalidade terapêutica. Ao narrar a história da psiquiatria no Brasil constata Jurandir Freire Costa.

Sobretudo a partir de 1926, os psiquiatras começaram a enunciar suas novas concepções de prevenção. Eles pretendiam tornar a prevenção psiquiátrica similar a prevenção em medicina orgânica. A ação terapêutica deveria exercer-se no período pré-patogênico, antes do aparecimento dos sinais clínicos. Esta concepção leva-os a dedicar um maior interesse a prevenção da saúde mental. Daquele momento em diante, o alvo de cuidado dos psiquiatras passou a ser o indivíduo normal e não o doente. O que interessava era a prevenção e não a cura (Costa, 1976, p. 33).

Partindo dessas primeiras repercussões, a psicanálise foi gradualmente consolidando-se como disciplina independente no país, ganhando reconhecimento social e sedimentando uma prática clínica, como veremos na sequência.

Antecedentes históricos da psicanálise no Brasil

Os dois primeiros polos de difusão da psicanálise no Brasil, surgidos ainda na década de 1920 que, posteriormente consolidaram-se como os primeiros centros de formação de psicanalistas no país, foram as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Assim sendo, conduziremos uma breve exposição dos principais acontecimentos que marcaram o desenvolvimento da disciplina freudiana nestes centros urbanos.

A implantação e o desenvolvimento do movimento psicanalítico em São Paulo foram alicerçados em duas figuras de grande destaque e respeitabilidade no meio psiquiátrico paulista: Franco da Rocha³ e Durval Marcondes.⁴

³ Francisco Franco da Rocha (1864-1933) formou-se em 1890 pela Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro. De regresso a São Paulo, seu Estado natal, fundou, em 1898, o Hospital do Juquery, instituição modelo no tratamento de pacientes psicóticos, em toda a América Latina, durante as primeiras décadas do século XX (Campos., 2001).

⁴ Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981), desde o início de sua vida acadêmica na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde se formou em 1924, interessou-se pela psicanálise. Seguindo os passos do mestre e incentivador



Forjado no ideário iluminista, Franco da Rocha teve o mérito de introduzir o pensamento psicanalítico em São Paulo. Embora não tenha praticado a psicanálise, “O que houve de notável em Franco da Rocha foi seu espírito aberto à teoria, em um período no qual era tão apoucada, entre nós, a literatura sobre o assunto.” (Bicudo, 1948, p. 70). Na condição de professor catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, cargo que exerceu de 1919 até 1923, quando se aposentou, apresentou em sua aula inaugural o artigo “Do delírio em geral”, que veiculava ideias psicanalíticas. No ano seguinte, publica o livro intitulado *O pansexualismo na doutrina de Freud*, primeira obra sobre a teoria freudiana publicada no Brasil, que causou forte impacto no meio cultural e científico, provocando expressões contundentes de rechaço e admiração.

Segundo Sagawa (1985), ao entrar em contato com as publicações de Franco da Rocha, Durval Marcondes, ainda aluno de medicina, interessou-se pelo tema e passou a dedicar-se à psicanálise. Do contato com o mestre, o interesse retórico converteu-se em ações efetivas que conduziram à divulgação da psicanálise no meio científico e cultural do país e à institucionalização do movimento psicanalítico paulista dentro dos padrões legitimados pela IPA (International Psychoanalytical Association).

Por iniciativa de Durval Marcondes, foi fundada, em 1927 em São Paulo, a Sociedade Brasileira de Psicanálise, primeiro grupo brasileiro organizado em decorrência das ideias freudianas e, em 1928, foi publicado o primeiro número da Revista Brasileira de Psychanalyse. Surgidas no fervilhar da década de 1920, cujo ápice foi a Semana de Arte Moderna, tanto a Sociedade quanto a Revista, que vieram a se extinguir pouco depois pelo esgotamento de suas funções, não tinham por finalidade promover a formação de psicanalistas, mas divulgar o pensamento freudiano no meio intelectual e científico do país.

Em 1938, Durval Marcondes idealiza, funda e dirige a Clínica de Orientação Infantil do Serviço de Higiene Mental Escolar, órgão vinculado ao Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Imprime ao trabalho desenvolvido nesta instituição forte influência psicanalítica, de forma tal que o atendimento oferecido ao escolar deficitário permitiu a aplicação da teoria psicanalítica, tanto nos procedimentos diagnósticos quanto terapêuticos. Além disso,

A Higiene Mental Escolar constitui-se ainda num celeiro de vocações para a Psicanálise. Ali se firmou a orientação científica de vários dos atuais membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise, como os analistas professores Virgínia Bicudo, Lígia Amaral e Henrique Mendes (Galvão, 1967, p. 59).

Estavam, assim, criadas as condições necessárias para a institucionalização do movimento psicanalítico em São Paulo. Ao contrário do ocorrido no Rio de Janeiro, onde a

Franco da Rocha, de quem herdou o gosto e a dedicação pela psicanálise, iniciou o atendimento de pacientes empregando a técnica de Freud nos últimos anos da década de 1920 (Sagawa, 2002).



vinda de um analista didata foi pleiteada durante anos, em São Paulo, este processo foi iniciado em data bastante precoce, fruto do empenho de Durval Marcondes que, desde o início da década de 1930, fez contatos com Ernest Jones com o objetivo de viabilizar a vinda, para a capital paulista, de um analista didata, habilitado pela IPA, que pudesse conduzir a formação de futuros psicanalistas.

Os esforços de Durval Marcondes não foram em vão: no ano de 1936, desembarca em São Paulo Adelheid Lucy Koch⁵, que se constituiu na primeira analista didata a atuar na América Latina. No ano seguinte, a Dra. Koch, como era conhecida, começa a análise de um grupo de aspirantes a psicanalistas. São eles: Durval Marcondes, Virgínia Leone Bicudo, Flávio Dias e Darcy de Mendonça Uchôa. Pouco mais tarde, são admitidos em análise didática Lygia Alcântara do Amaral e Frank Philips. Estavam, desta forma, dados os passos iniciais para que, em 1944, este grupo obtivesse o reconhecimento provisório da IPA e, em 1951, durante o XVII Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Amsterdã, fosse oficialmente criada a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Uma peculiaridade que caracteriza a inserção da psicanálise no cenário científico de São Paulo reside no antagonismo travado entre esta disciplina e a psiquiatria acadêmica. A despeito das iniciativas de Franco da Rocha, após sua aposentadoria na cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo a psicanálise teve pouca penetração nesta instituição, sendo inclusive fortemente atacada por seu sucessor, o psiquiatra Antônio Carlos Pacheco e Silva⁶. Plínio Montagna ao comentar sobre a convergência ambígua entre a psicanálise e a psiquiatria afirma que "... as relações entre psicanálise e psiquiatria acadêmica em São Paulo estiveram em geral, longe de uma cooperação amistosa" (Montagna, 1994, p. 30). Tal conjuntura resultou em uma tenra e necessária aproximação da psicanálise com as ciências humanas neste Estado.

No que diz respeito ao ensino da psicanálise na Universidade, apesar de Marcondes não ter conseguido introduzi-la na formação médica, como pudemos apontar anteriormente, ele não foi negligenciado pelas ciências humanas e em particular pela filosofia, psicologia e sociologia. Paralelamente a sua penetração nas instituições asilares e psiquiátricas, o ensino universitário constituiu-se como uma importante via de expansão (Oliveira, 2006, p. 163).

⁵ Adelheid Lucy Koch (1896-1980), de origem judia, nasceu em Berlim onde se formou em medicina. Após ter sido analisada por Otto Fenichel, integrou a Sociedade Psicanalítica de Berlim. Em decorrência da diáspora judaica provocada pelo nazismo, emigrou para o Brasil em 1936, onde residiu até a data de seu falecimento. É reconhecida nos anais da historiografia psicanalítica como pioneira da psicanálise na América Latina (Roudinesco & Plon, 1997).

⁶ Antônio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988) formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920. A partir de 1922 passou a dirigir o Pavilhão de Menores Anormais do Hospital do Juquery, em 1934 foi contratado pela Faculdade de Medicina da USP, assumiu a cátedra de psiquiatria em 1936 como sucessor de Franco da Rocha, e, no ano de 1935, foi contratado como professor de psiquiatria da, recém criada, Escola Paulista de Medicina.



Da conjugação destas influências resultou um processo de formação psicanalítica e uma prática clínica que acolheu profissionais de diversas origens profissionais, possibilitando a psicanálise paulista, sobretudo nos seus primeiros anos de difusão, transitar em diferentes esferas culturais e científica, fato que contribuiu para lhe conferir maior legitimidade e reconhecimento social.

Em uma antítese ao ocorrido em São Paulo, desde os primeiros anos da divulgação das ideias psicanalíticas no Rio de Janeiro, a psiquiatria assumiu grande preponderância tanto na difusão quanto na aplicação destas ideias. Este processo de apropriação da psicanálise por parte dos psiquiatras cariocas foi caracterizado, em um primeiro momento, por práticas que visavam difundir a psicanálise, compreender as manifestações psíquicas e promover ações profiláticas, e, posteriormente, desenvolver ações terapêuticas de caráter exploratório.

A pesquisa de Elizabeth Mokrejs (1993) coloca-nos em contato com um séquito de profissionais, em sua grande maioria provenientes da medicina e mais especificamente da psiquiatria, que exerceram grande relevância enquanto precursores da psicanálise no Rio de Janeiro, entre os quais destacam-se: Genserico Aragão de Souza Pinto, José Joaquim de Campos da Costa Mediros e Albuquerque, Maurício de Medeiros, Henrique de Brito Belford Roxo, Antônio da Silva Mello, Antônio Autregésilo, Carneiro Ayrosa, José Alves Garcia, Júlio Pires Porto-Carrero, Gastão Pereira da Silva, Neves Manta e Arthur Ramos

Desde o início da década de 1920 até meados dos anos de 1940, estes autores publicaram trabalhos que faziam exposições conceituais ou reflexões teóricas acerca da psicanálise, oscilando desde breves incursões até amplas sistematizações da obra freudiana, permitindo que as ideias psicanalíticas tivessem ampla circulação no meio psiquiátrico e educacional de então. Destacaram-se também no campo da profilaxia em saúde mental com práticas que muito se aproximava da eugenia.

As iniciativas embrionárias no campo terapêutico, que começavam a surgir no início do século XX a partir da prática clínica destes autores, eram marcadas pelo autodidatismo e por interpretações bastante parciais da psicanálise, caracterizando o que foi denominado por Freud de psicanálise selvagem. Elisabeth Mokrejs, ao analisar as concepções psicanalíticas dos psiquiatras brasileiros na primeira metade do século XX, constata que estes profissionais adotaram concepções bastante restritas da teoria freudiana.

Como a difusão e a prática da psicanálise estivessem circunscritas aos psiquiatras, observa-se nas interpretações psicanalíticas, uma preocupação classificatória que é muito própria destes profissionais. Assim, na descrição da conduta dos pacientes, privilegiavam, sobretudo, os sintomas, os quais eram objeto de classificações, por vezes, simplistas e deformadas. Descuraram-se, de modo geral, os aspectos das relações intersubjetiva, cujos movimentos, no âmbito da psicanálise, só podem ser detectados com clareza na adequada relação terapeuta-paciente. Predominava em alguns casos a ação unilateral do psicoterapeuta que diagnosticava e interpretava sem



permitir a formulação pessoal dos problemas por parte do paciente (Mokrejs, 1993, p. 218).

Sem fazer menoscabo da singularidade e importância de cada um destes autores, podemos considerar que, de forma geral, o mérito a eles conferido residiu, predominantemente, em promover a divulgação da psicanálise, o que resultou na ampliação de sua inserção social e fomentou o interesse pela formação psicanalítica efetiva em muitos profissionais. Desta forma, a partir da década de 1940, estavam sedimentadas as bases para que a formação psicanalítica no Rio de Janeiro fosse estruturada de forma efetiva a partir da institucionalização do movimento psicanalítico.

Sabemos, por intermédio dos apontamentos históricos de Marialzira Perestrello (1987), que desde o início da década de 1940 um grupo de psiquiatras vinculados ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, notadamente Danilo Perestrello, Walderedo Ismael de Oliveira, Oswaldo Domingues de Moraes, Elso Arruda, José Afonso Neto e Júlio Paternostro, fundaram, em 1944, o Centro de Estudos Juliano Moreira, com a finalidade de promover o estudo da psicanálise e de fazer gestões junto a psicanalistas europeus, americanos e argentinos, para que um analista didata viesse a instalar-se no Rio de Janeiro, com a finalidade de coordenar a formação de futuros psicanalistas.

Dadas as dificuldades de atrair um analista didata para a então Capital Federal, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira dirigiram-se em 1946, para a Argentina, indo juntar-se ao psiquiatra carioca Alcyon Bahia, que lá se encontrava, com o propósito de cumprirem o treinamento psicanalítico junto à Associação Psicanalítica Argentina.

Paralelamente, um outro grupo de psiquiatras cariocas funda, no ano de 1947, o Instituto Brasileiro de Psicanálise e inicia contatos com Ernest Jones, então presidente da IPA, para que a vinda de uma analista didata ao Rio de Janeiro fosse concretizada. Este anseio foi efetivado com a chegada ao país, em fevereiro de 1948, do polonês Mark Burke⁷ e, em dezembro de 1948, com a vinda do alemão Werner Kemper⁸. Inicialmente, os dois psicanalistas europeus trabalharam em conjunto com vistas a promover a propedêutica de candidatos à formação psicanalítica dentro dos moldes legitimados pela IPA, e a lograr êxito na constituição de uma Sociedade de Psicanálise na cidade do Rio de Janeiro.

⁷ Mark Burke (1900-1975), de origem judia, foi analisado por James Strachey e posteriormente admitido como membro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Atendendo convite de Ernest Jones, emigrou para o Brasil com a missão de fundar a primeira sociedade psicanalítica no Rio de Janeiro. Após grandes dificuldades de adaptação ao modo de vida carioca e a ocorrência de conflitos com Werner Kemper, retorna à Inglaterra em 1953. Na data de seu falecimento residia nos Estados Unidos, onde teve importante participação da difusão do pensamento kleiniano (Roudinesco & Plon, 1997).

⁸ Werner Kemper (1899-1976) foi analisado por Müller-Braunschweig e integrou a Sociedade Psicanalítica de Berlim. Com um passado obscuro, acusado de ter apoiado o regime nazista, foi enviado por Ernest Jones, juntamente com sua mulher, a também psicanalista Katrin Kenper, para o Brasil, onde residiu até 1967. Teve importante participação na fundação da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (Roudinesco & Plon, 1997).



No entanto, a harmonia entre os dois didatas, de origens tão diversas, não prevaleceu por muito tempo; logo surgiram divergências que conduziram a um cisma irremível entre os grupos por eles liderados. Com personalidades excêntricas e pouco afeitos ao diálogo, Kemper e Burke trocavam acusações mútuas quanto à forma de condução do trabalho com seus analisandos; além disso, a animosidade entre eles foi agravada quando Kemper nomeou sua mulher, Katrin Kemper, como analista didata, condição esta não admitida por Burke, uma vez que o analista alemão não tinha autonomia para a designação de tal título.

Destas divergências resultou, em 1952, a fragmentação do Instituto Brasileiro de Psicanálise em dois grupos distintos, um liderado por Kemper e outro por Burke. Juntamente com estes dois grupos começou a se delinear por esta época um terceiro, que ficou conhecido como grupo argentino, uma vez que seus componentes, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello, Alcyon Bahia e Walderedo Ismael de Oliveira, haviam retornado de Buenos Aires entre o final de 1948 e o início de 1950, como membros associados da Associação Psicanalítica Argentina e, pela inexistência de afinidades, não se aliaram a nenhum dos grupos delineados no Rio de Janeiro, antes de sua chegada (Perestrello, 1987).

Em 1953, durante o XVIII Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em Londres, o grupo de Kemper obteve o reconhecimento provisório da IPA, sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e, em 1955, durante o XIX Congresso Internacional de Psicanálise, que teve lugar em Genebra, foi aceito como Sociedade independente, sob a denominação de Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Em 1953, o regresso de Burke para a Inglaterra leva à dispersão de seus analisandos, que buscaram por caminhos distintos concluir a formação psicanalítica. Assim, três candidatos foram para Londres: Edgard de Almeida, que foi analisado por Balint, Domício Arruda Câmara, que teve Bion como analista, e Manoel Thomaz Moreira Lyra, analisado por Paula Heimann.

No ano de 1954, chega ao Rio de Janeiro o psiquiatra gaúcho que havia concluído formação psicanalítica em Londres Décio Soares de Souza, no ano de 1955, Edgard de Almeida e, em 1958, Manoel Thomaz Moreira Lyra, todos na condição de membros associados da Sociedade Britânica de Psicanálise.

O grupo proveniente de Londres trava entendimentos com o grupo argentino com a finalidade de formarem uma nova Sociedade de Psicanálise no Rio de Janeiro. Esta empreita obteve êxito quando, em 1957, durante o XX Congresso Internacional de Psicanálise ocorrido em Paris, este grupo foi reconhecido provisoriamente pela IPA e, dois anos mais tarde, portanto, em 1959, no XXI Congresso Internacional de Psicanálise, realizado na cidade de Copenhague, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro foi admitida em caráter definitivo junto aos quadros da IPA.

A mulher e a psicanalista: desbravando fronteiras



Marialzira Pontes de Miranda, posteriormente Marialzira Perestrello da Câmara, ou simplesmente Marialzira Perestrello como gostava de ser chamada, nasceu em 5 de março de 1916 no Rio de Janeiro, seu pai foi o consagrado jurista Francisco Cavalcante Pontes de Miranda⁹ e sua mãe, Maria Beatriz Pontes de Miranda, pode ser considerada uma mulher de ideias avançadas para a época, que, dando vazão a anseios profissionais não realizados na juventude estudou enfermagem, nos anos de maturidade, e tornou-se presidente da Cruz Vermelha Brasileira. A influência recebida dos pais, sugere a formação de uma personalidade moldada pela intelectualidade e pelo espírito de independência feminina.

Seu pai, enquanto expressivo intelectual da época mantinha em sua casa um ambiente intelectual bastante apurado, marcado pela presença importantes nomes da época.

Marialzira, durante a infância e juventude, viu sua casa frequentada por intelectuais, artistas, escritores e cientistas. Homens e Mulheres ilustres. A admiração e amizade pessoal de seu pai por grandes médicos – como Oswaldo Cruz, Juliano Moreira, Carlos Chagas, Manoel de Abreu, Arthur Neiva e outros – muito influíram na escolha da carreira médica (Perestrello, 1987, p. 98).

De forma complementar sua mãe, sempre enfatizou a importância de que suas filhas tivessem uma formação acadêmica e, por conseguinte, uma profissão para que pudessem desfrutar de independência e autonomia. Relata Marialzira Perestrello:

Minha mãe sempre quis estudar, quando nós já avíamos crescido ela foi fazer enfermagem e depois ingressou na Cruz Vermelha. Ela sempre dizia que queria que as filhas estudassem e tivessem uma formação universitária para que nós pudéssemos nos casar por amor (Depoimento, de 13/06/2012).

Assim, Maria Beatriz sempre estimulou a independência das filhas por intermédio das conquistas pessoais, incentivando-as no campo educacional e profissional. Além disso, ela própria tomou iniciativas, ousadas para a época. Cursando enfermagem nos anos de maturidade e enveredando em atividades profissionais em uma ocasião em que esta postura não era esperada, sobretudo quando praticada pela esposa de um desembargador. Estas iniciativas e o contexto histórico da época permitem situar Maria Beatriz no contexto do movimento feminista que começou a ganhar contornos mais evidentes a partir da década de 1920. Entre suas amigas mais próximas figuravam importantes articuladoras do movimento

⁹ Francisco Cavalcante Pontes de Miranda (1892-1979) foi um consagrado jurista brasileiro. De origem alagoana, formou-se em Direito aos dezenove anos pela Faculdade de Direito de Recife, período em que escreveu sua primeira obra, *A Margem do Direito*, publicado em 1912. Posteriormente radicou-se no Rio de Janeiro, ingressando na magistratura em 1924. Sua obra mais destacada foi o *Tratado de Direito Privado* composta por 60 volumes. Em 1979 foi empossado como membro da Academia Brasileira de Letras.



feminista no Brasil, como Bertha Lutz¹⁰, que teve participação direta na luta pelo sufrágio feminino, conquista alcançada em 1932.

Bertha Lutz soube aproveitar com maestria da conjuntura conturbada da década de 1920. Nestes anos fundava-se o Partido Comunista Brasileiro, realizou-se a Semana de Arte Moderna, as revoltas militares, a Coluna Prestes, intensificando-se a presença dos segmentos médios na sociedade. Esta ebulição social favoreceu a fundação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em agosto de 1922. Esta influenciada, sobretudo, por sua participação na Conferência Pan-Americana das Mulheres, nos EUA. Bertha Lutz fomentou durante toda uma década muitas negociações com políticos e instituições, em busca de apoio a sua luta pelo direito ao voto (Bandeira & Melo, 2010, p. 16).

A conjugação destas influências familiares fez de Marialzira Perestrello uma mulher envolvida com as demandas de seu tempo e uma profissional dotada de um espírito vanguardista.

Na mulher, encontramos a centelha do feminismo forjada a partir de dois elementos: o pendor intelectual da família e o posicionamento ousado e independente de sua mãe que a incentivou para uma vida autônoma. Condição que fez Marialzira Perestrello interessar-se pelo curso de medicina, formando-se em 1939 pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em uma época em que poucas mulheres se aventuravam por este caminho.

Seu primeiro contato com a psicanálise surgiu ainda nos anos de faculdade, por intermédio de seu pai, que lhe deu o livro de Freud *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*;

A primeira coisa que eu li de Freud foi o livro Três ensaios da teoria da sexualidade que eu ganhei do meu pai, quando eu ainda estava na faculdade. Naquela época eu achei o livro muito difícil. Você imagina, eu havia estudado em colégio de freira. Na época eu achei bem difícil, mas depois eu fui me interessando pela psicanálise (Depoimento de 13/06/2012).

Em 1940, após sua formatura, Marialzira Perestrello, acompanhou a família que fixou residência em Bogotá tendo em vista a nomeação de seu pai como embaixador do Brasil na Colômbia. Neste período, dando vazão aos seus anseios profissionais, ingressou como adjunta estrangeira do curso de fisiologia da Faculdade de Medicina de Bogotá.

Em 1941 Marialzira Perestrello regressou ao Brasil, casando-se com o médico Danilo Perestrello, seu colega de faculdade. A este respeito comenta ela:

Eu já namorava o Danilo há alguns anos, mas o meu pai não queria que eu me casasse naquele momento, logo depois da formatura. Ele fez um acordo comigo, eu

¹⁰ Bertha Lutz (1894-1976), bióloga licenciada pela Universidade de Sorbone, atuou como docente e pesquisadora do Museu Nacional, foi fundadora da Federação brasileira para o Progresso Feminino e participou ativamente na luta pelo voto feminino.



iria para Bogotá e ficaria lá um ano, se depois desse período eu ainda quisesse me casar ele permitiria. Eu realmente queria me casar (Depoimento de 13/06/2013).

Na psicanalista encontramos uma dupla identidade que precisa ser deslindada: a pioneira, na condição de primeira mulher a habilitar-se psicanalista no Rio de Janeiro e na posição de fundadora da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, e a segunda, como pesquisadora que possui diversos trabalhos científicos publicados em áreas como: história da psicanálise e psicanálise e cultura.

A sobreposição destes elementos faz de Marialzira Perestrello uma mulher com múltiplos interesses intelectuais e profissionais. Segundo as indicações autobiográficas presentes no livro *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, verificamos que após a formação médica concluída em 1939, interessou-se pela psiquiatria e na sequência pela psicanálise, áreas em que desenvolveu todo o seu percurso profissional.

Em 1945 Marialzira Perestrello passou a integrar o Centro de Estudos Juliano Moreira, agremiação fundada um ano antes por um grupo de psiquiatras que atuavam no Serviço nacional de Saúde mental e que manifestavam descontentamento com a condução teórica adotada por Henrique Roxo¹¹ junto a Cátedra de psiquiatria da Faculdade nacional de medicina, de forma que o interesse pela psicanálise foi fomentado desde esse período. Ao que parece Henrique Roxo manteve uma posição bastante ambivalente em relação à psicanálise, bem como uma visão bastante fragmentária de seus conceitos, no dizer de Elisabeth Mokrejs (1993),

Ele rejeita com veemência, as interpretações da conduta da criança com base na sexualidade, não se deixa convencer pela ideia de que a heterossexualidade, na concepção de Freud, vem precedida pelo auto-erotismo, ou homossexualismo. Considera “anomalia própria dos degenerados” a possibilidade de se admitir a existência do Complexo de Édipo (p. 107).

Dadas as dificuldades encontradas na condução da formação psicanalítica no Rio de Janeiro o casal Perestrello mudou-se para a Argentina com fito de realizar tal formação. Entre os anos de 1946 a 1948 Marialzira Perestrello realizou formação psicanalítica na Associação Psicanalítica Argentina, Quando em Buenos Aires iniciou ainda em 1946 análise com Henrique Pichon Rivière e no ano seguinte passou a atuar como assistente estrangeira no Serviço de Psiquiatria de la Edad Juvenil no Hospício de Las Mercedes, realizou também uma breve incursão pela análise de crianças sendo supervisionada por Arminda Aberastury. Em 1952 Marialzira Perestrello passou a integrar oficialmente a Associação Psicanalítica Argentina como membro associado.

¹¹ Henrique Brito de Belford Roxo (1877-1969), formou-se pela Faculdade nacional de Medicina em 1901, assumindo a cátedra de psiquiatria em 1921. Publicou vários livros e artigos, veiculando ideias de diferentes correntes relativas a psiquiatria da época, transitando desde a psicologia experimental de Willhelm Wundt, passando pelas propostas diagnósticas de Emil Kraepelin até chegar a proposta terapêutica psicanalítica.



Devemos destacar que muito além da motivação pessoal, a alternativa de fazer a formação psicanalítica representava para os Perestrello e para outros psiquiatras cariocas que percorreram o mesmo caminho neste período, uma alternativa ao intrincado jogo político que caracterizou a fase inicial de institucionalização do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, entre o final da década de 1940 e início da década de 1950.

Em 1953 Marialzira Perestrello participou da fundação da Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil que havia sido idealizada pelo Professor Afonso Neto. Atuou nesta instituição até 1955, retornando em 1959 como diretora desta instituição.

A referida clínica teve por característica, quando de sua fundação, grande acento na prática de avaliação psicodiagnóstica, de forma que a crianças ao ingressar no serviço era avaliada por uma equipe multiprofissional, composta por psiquiatra, psicólogo, assistente social e pediatra. Uma vez identificadas as dificuldades da criança, a equipe incumbia-se da medicação e da orientação de pais, caso essas modalidades de intervenções fossem necessárias, sendo que os casos destinados a psicoterapia eram encaminhados para outros serviços.

Em entrevista concedida em 10 de dezembro de 1998, Marialzira Perestrello rememora fragmentos de sua prática que nos apontam para características deste trabalho.

Esta Clínica de Orientação começou a trabalhar nos moldes das Child Garden Clinic americanas, com uma psicóloga, uma assistente social, um psiquiatra, uma psicanalista que era eu e um pediatra. Então, era uma Clínica em que nós examinávamos as crianças de todos os jeitos. Agora, nós não fazíamos ainda terapia analítica lá, nós só fazíamos orientação, quer dizer, quando a criança precisava de tratamento medicamentoso, psiquiátrico, o Afonso Neto medicava e o pediatra também, e quando os pais precisavam de orientação, eu orientava. E tinha duas moças trabalhando conosco que estavam em análise, duas médicas, Ana Elisa Mercadante e Mara Salvoine de Souza. A assistente social era Jovita Madeira e a psicóloga era Germana Delamare, eu acho que ela era pediatra também, mas ela fazia a parte de psicologia. Às quartas-feiras, de manhã, nós fazíamos reuniões de equipe, e aí alguns médicos do Instituto de Psiquiatria vinham assistir as nossas reuniões. Eram reuniões de equipe em que nós estudávamos um determinado caso, todos os membros da equipe falavam, o pediatra, o psiquiatra, a assistente social, então a criança era vista por todas as especialidades. Eu, nesta época, fazia a chamada hora de brinquedo, eu fazia o diagnóstico da criança através do brinquedo pela técnica de Melanie Klein e a Germana Delamare Figueiredo aplicava os testes psicológicos (Depoimento de 10/12/1998).

Posteriormente, o trabalho calcado exclusivamente no diagnóstico e orientação de pais, práticas nos quais a psicanálise atuava como elemento coadjuvante subsidiando a compreensão relativa a personalidade e conflitos emocionais da criança e estabelecendo parâmetros para a orientação de pais, foi assumindo feições mais próximas da prática psicanalítica com a introdução da psicoterapia psicanalítica. Ainda seguindo as lembranças de Marialzira Perestrello, encontramos o seguinte comentário:



Então, nós trabalhamos assim por algum tempo, depois chegou da Inglaterra Décio Soares de Souza, psicanalista formado na Inglaterra, aí ele começou a introduzir a psicanálise. Anos depois, em 1959, eu estava em Buenos Aires fazendo uma reanálise¹², e recebi um telefonema do professor Leme Lopes, que era o catedrático de psiquiatria na ocasião, me convidando para ser diretora da Clínica de Orientação Infantil. Depois de Afonso Neto o diretor foi Décio Soares de Souza, depois o Décio saiu, e o Leme Lopes me convidou como diretora da clínica. Neste período em que eu trabalhei como diretora da Clínica já havia psicoterapia analítica (Depoimento de 10/12/1998).

É importante salientar que a prática descrita na Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiátrica da Universidade do Brasil, sobretudo em sua primeira fase caracterizada pelo diagnóstico e intervenções ambientais através da orientação de pais traz uma conotação profilática, na qual a psicanálise foi empregada como recurso teórico para subsidiar intervenções de natureza preventiva no campo da saúde mental infantil, ou higiene mental da criança, para usar a terminologia da época,

Para maior clareza, o conceito de profilaxia empregado neste contexto deve ser conceituado. A concepção de profilaxia que caracterizava a atuação dos profissionais desta instituição era bastante inovadora para a época, pois não se restringia a atribuir aos pais e professores a função de agentes preventivos mediante a adoção uma educação guiada por princípios psicanalíticos com intenção de evitar futuras manifestações da doença mental, ao contrário, estes profissionais entendia que a profilaxia tinha uma ação efetiva mediante a compreensão e assistência às manifestações sintomáticas da criança em idade escolar. Assim, o conceito de profilaxia empregado é esvaziado da forte conotação eugênica que o caracterizou em práticas anteriores, colocando-o na direção das intervenções psicoterápicas.

Paralelamente ao trabalho na Clínica de Orientação Infantil, Marialzira Perestrello iniciou suas atividades profissionais em clínica particular. Desta prática cabe destacar um elemento que tangencia os debates concernentes as relações de gênero que, em alguma medida, sempre ecoaram na vida de Marialzira Perestrello. Relata Marialzira Perestrello em depoimento colhido em 1998.

Eu nunca fui psicanalista de crianças, eu trabalhei na área infantil, mas sem querer ser psicanalista de crianças. Eu só analisei duas menininhas pequenas, isto pela orientação que eu recebi na Argentina. Armindaa Aberastury achava que todo analista de adulto deveria ter uma experiência em análise infantil, ao menos uma criança, porque o inconsciente está ali, à flor da pele. Então, quando eu cheguei no Rio de Janeiro, me telefonava. E aí vinha o preconceito de mulher e homem. Pensavam, psicanalista de adultos era o meu marido, psicanalista de crianças, a mulher. Eram tantos telefonemas para marcar hora para as crianças, eu só aceitei duas crianças, uma que veio de salvador e uma outra que, quando eu cheguei, já tinha telefonado várias vezes (Depoimento de 10/12/1998).

¹² Marialzira fez sua reanálise com Marie Langer.



Este depoimento, circunscrito a uma passagem isolada da vida profissional de Marialzira Perestrello, pode ser tomado como um elemento figurativo de vários confrontos semelhantes que esta psicanalista vivenciou ao longo de sua vida. As questões de gênero tornaram-se proeminentes, na medida em que Marialzira Perestrello, adotando postura de vanguarda para a época, assumindo ideias e posicionamentos que rompiam com modelos cristalizados e estereotipados acerca da conduta feminina. Neste sentido, entendemos que estavam dispostos na vida social e cultural do país, em meados do século XX, elementos que clamavam pela emancipação feminina, de forma que, algumas mulheres da época foram capazes de fazer essa leitura e, valendo-se de características pessoais, romper com padrões estabelecidos de comportamento.

Em 1957 participou da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, instituição na qual atuou ao longo de toda a sua vida. O contexto que circundou a criação desta Sociedade foi assim descrito.

Quando fomos para a Argentina, não havia psicanálise no Rio de Janeiro; quando nós voltamos, o Burke, com orientação kleiniana, já tinha chegado e já analisava vários candidatos. O Kemper chegou no fim do ano de 1948 e começou a trabalhar em 1949. O nosso Grupo de Estudos foi formado por alguns analisandos de Burke, pelos argentinos e ingleses, só não havia analisandos de Kemper. Quando o Grupo de Estudos convidou Paula Heimann para dar seminários aqui, duas pessoas da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Inaura Carneiro Leão e Zenaira Aranha, que tinham se analisado com Kemper, quiseram vir assistir as palestras de Paula Heimann; a Sociedade delas avisou que não poderiam pertencer aos dois lados; então, saíram da Sociedade do Rio de Janeiro e entraram em nosso Grupo de Estudos. Quando fomos qualificados como Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, elas foram fundadoras também. Então, em nossa Sociedade existiam argentinos, analisandos de Burke, ingleses, e duas pessoas originalmente do grupo de Kemper. Havia kleinianos e não-kleinianos (Depoimento de 26/10/2001).

Afigura-se assim, em um depoimento de cunho autobiográfico, a trama de relações políticas que permearam a institucionalização do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro e modulou as relações entre psicanálise e psiquiatria neste Estado.

Podemos constatar que Marialzira Perestrello teve contato com a psicanálise em um período de transição da psiquiatria carioca, caracterizado pelo declínio de um modelo profilático, marcado pela atuação de precursores da psicanálise, que dispunham de uma formação autodidata na disciplina freudiana, e pela ascensão de uma proposta definida pelo interesse efetivo na formação analítica e na prática clínica, constituindo assim um grupo de pioneiros da psicanálise. A descrição deste período foi assim registrada por Rafael Castro após investigar a recepção da psicanálise pela psiquiatria do Rio de Janeiro entre os anos de 1914 a 1944.

Por volta de 1927, passa-se a defender e projetar as possibilidades que a teoria psicanalítica oferecia para o conhecimento psiquiátrico intervir na população brasileira e moldá-la, para que pudessem, enfim, atingir o



patamar civilizado. Essa perspectiva se mantém até meados da década de 1940, quando a psicanálise começa a mudar de características no Rio de Janeiro. Não estou propondo marcos rígidos e precisos, pois a apresentação e divulgação da teoria se manteve até meados da década de 1940, assim como a inserção desta teoria nas técnicas de tratamento das doenças mentais. O que defendo é que existe uma coerência em determinados períodos na maneira como se apropria a teoria psicanalítica: divulgação e possibilidades de cura das doenças mentais, num primeiro momento; inserção, num projeto amplo, para definir a identidade da população e alça-la ao patamar civilizado, num segundo momento; e declínio das diversas formas de apropriação de tal teoria, devido à criação do grupo de estudos e da institucionalização realizada junto a IPA (Castro, 2011, p. 7).

Os fatos descritos acima colocam em relevo duas características que percorrem a atuação profissional de Marialzira Perestrello, suas ações pioneiras e seu limitado engajamento político no contexto institucional. Embora esta psicanalista tenha adotado diversas ações vanguardistas, que a colocou como pioneira de diversas iniciativas durante a institucionalização do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, sua atuação no campo político, junto às instituições psicanalíticas que ajudou a construir, foi limitada. Como exemplo, cabe mencionar o fato de que Marialzira Perestrello nunca veio a ocupar o cargo de presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro ou funções administrativas de grande repercussão. Em nosso entendimento, tal característica decorre da postura por ela adotada ao longo da vida, postura esta que preconizava a esfera intelectual como forma de interação com o mundo, de forma tal que suas ações transformadoras sempre tinham um ponto de partida e de chegada em sua produção intelectual.

Após esta breve incursão relativa aos aspectos mais proeminentes da atuação profissional de Marialzira Perestrello, cabe tecer alguns comentários sobre sua produção teórica, que se divide em duas grandes vertentes, quais sejam: textos psicanalíticos e trabalhos literários, predominantemente poesias.

Dada as limitações impostas pelo escopo deste artigo, a produção literária será apenas mencionada, sem que seu conteúdo seja analisado, ainda que muitos de seus poemas tragam um notório acento autobiográfico. Entre os livros de poesia encontram-se publicados os seguintes títulos: *Há um quadrado no céu que não viram*, de 1972, *Nosso canto e nosso jeito*, publicado em 1975, *Ruas caladas*, de 1978, *Mãos dadas*, lançado em 1989, *A música persiste...*, de 1995, *Tudo é presente*, publicado em 2001, *Caminhos da vida*, de 2003, *Pedaços de vida*, do ano de 2006, *A barca branca*, de 2007, *Cantos da varanda*, publicado em 2009 e, por fim, *Mar e memória* de 2012. Encontra-se publicado ainda um romance, datado de 2005, intitulado *Futuro esquecido*.

Tomando em análise a proibição psicanalítica de Marialzira Perestrello, é possível segmentar sua obra em duas grandes vertentes a saber: psicanálise e cultura e história da



psicanálise. Ainda que esta autora apresente alguns textos sobre prática clínica, o cerne mais original de sua produção recai sobre os dois grandes eixos delimitados¹³.

Sob a ampla denominação de psicanálise e cultura foram abrigados um número significativo de trabalhos, que compõem a maior parte de sua obra. Provenientes, em sua grande maioria de palestras e conferências, posteriormente publicadas em revistas ou compendiadas em livros, esses trabalhos discutem temas como a vida cultural de Freud, psicanálise e literatura e psicanálise e arte.

A tônica dos trabalhos reunidos nesta categoria reside na interdisciplinaridade e no diálogo com áreas correlatas, fazendo convergir diversos aspectos do interesse intelectual de Marialzira Perestrello. Segundo ela,

O contato interdisciplinar, ou transdisciplinar, o intercâmbio entre a psicanálise e outros campos do conhecimento humano tornam-se, nos dias de hoje, não somente úteis mais indispensáveis. Nós psicanalistas temos muito a aprender com os não-psicanalistas e algo podemos lhes dar (Perestrello, 1992, p. 15).

No tocante ao primeiro tema a autora procura destacar em seus textos aspectos da vida cultural de Freud, discutindo as influências que recebeu e as repercussões destas em seu trabalho. O livro *A formação cultura de Freud*, organizado por Marialzira Perestrello, publicado em 1996, traz três capítulos de sua autoria: Infância e juventude de Freud, Freud e a tradição judaica e A cultura multifacetada de Freud (Perestrello, 1996). Nesta obra é possível obter um estrato do pensamento da autora em relação ao tema, demonstrando as diversas influências culturais recebidas por Freud e suas reverberações na psicanálise.

As aproximações da psicanálise com a arte e a literatura, tema bastante afeito a Marialzira Perestrello, foram publicados na forma de artigos na Revista Brasileira de Psicanálise e parte deles compendiados no livro *Encontros: psicanálise &*. Sustentada nas ideias de Freud de que a arte constitui um espaço intermediário entre a realidade e a imaginação, Marialzira Perestrello procura, em seus textos, compreender o processo de criação literária e artística e analisar algumas obras da literatura internacional.

Além de discorrer sobre o processo de criação artística a autora procura estabelecer um paralelo entre o trabalho no analista e do artista, demonstrando que a análise é um processo de criação.

Penso que em nosso trabalho a momentos de intuição, de verdadeira criação artística (ou científica) sobre o novo surgido ali: em nossa relação, na forma do paciente estar se expressando, na repetição de um mesmo conteúdo ou de uma mesma atuação, ou sobre um lapso, na fala ou escuta, por parte do paciente ou do analista. “Descobrimos” algo nunca lido ou aprendido, (e

¹³ Este artigo não tem a pretensão de exaurir a extensa produção teórica de Marialzira Perestrello, que se avolumou significativamente nas últimas décadas de sua vida. Foram destacadas algumas obras mais significativas capazes de representar tendências de seu pensamento em determinadas áreas de interesse.



isso ocorre não somente com o analista experiente como com o jovem que inicia). A luz se faz, de repente, sem ser voluntariamente procurada (Perestrello, 1992, p. 37).

Nesta citação é possível depreender como diferentes aspectos da personalidade desta psicanalista convergem em um pensamento científico original, de forma tal que a poetisa e a psicanalista dialogam ao longo do texto, procurando compreender o processo de criação artística à luz da psicanálise, tendo como pano de fundo sua experiência pessoal em ambos os campos.

Ao analisarmos esta vertente da obra de Marialzira Perestrello é significativo notar que as análises conceituais relativas a aproximação entre psicanálise e cultura predominaram sobre as discussões de natureza clínica. Tal característica merece ser compreendida mais detidamente como reflexo de toda a experiência de vida desta psicanalista.

A família Pontes de Miranda vivia em uma atmosfera cultural bastante rica. Por um lado, o Rio de Janeiro, enquanto Capital Federal, desfrutava, no início do século XX, de uma condição privilegiada no que tange a educação e a cultura, todas as inovações e transformações significativas que surgiam na Europa, ao chegarem ao Brasil, passavam obrigatoriamente pelos salões cariocas, de tal forma que havia a disposição, daqueles que tivessem possibilidades e condições, um amplo repertório de elemos, artísticos, literário e teatrais, para ser usufruído e assimilado. Por outro lado, seu pai sempre valorizou, de forma inequívoca a vida cultural, seja por diletantismo ou necessidade profissional. Desta forma, Marialzira Perestrello viveu os anos de infância e juventude imersa nesta atmosfera. A título biográfico escreveu ela anos mais tarde:

Marialzira, durante a infância e juventude, viu sua casa frequentada por intelectuais, artistas, escritores e cientistas. Homens e Mulheres ilustres. A admiração e amizade pessoal de seu pai por grandes médicos – como Oswaldo Cruz, Juliano Moreira, Carlos Chagas, Manoel de Abreu, Arthur Neiva e outros – muito influíram na escolha da carreira médica. Mocinha ainda, orientada por seus pais, leu escritores de Portugal, entrou em contato com literatura francesa, assim como com Platão, e autores alemães, através de uma edição bilíngue para o francês... (Perestrello, 1987, p. 98).

Quando a entrevistamos em 2012 nos relatou uma passagem em tom saudoso de admiração, que ilustra a intimidade e espontaneidade com que diversos aspectos culturais povoaram sua infância. Lembra ela:

Nós sempre vivemos em um ambiente cultural muito rico. Na parede do corredor que levava aos quartos, na casa de Ipanema, tinha uma pintura em tamanho natural de Goethe e Beethoven. Eu era criança ainda e perguntava para minha mãe quem eram eles. Ela sempre me dizia: são amigos de seu pai. Um dia eu perguntei a ela: esses amigos de meu pai nunca virão nos visitar? (Depoimento de 13/06/2012).



Estas experiências da infância e juventude, resultaram em um gosto bastante apurado pela arte e literatura que se fizeram perenes ao longo da vida. Ana Karina Fachini Araújo, relata, em sua dissertação sobre a obra de Marialzira Perestrello, fragmentos de seu primeiro contato com ela, com ênfase por seu apresso pela arte.

Os quadros foram adquiridos pelo casal Perestrello nas viagens – “gostávamos muito de pintura e gastávamos muito dinheiro com isso”. Então, lá estavam: um Portinari em lápis cera (“de quando ele não podia usar tinta”), O Mercado de Peixes de Paraty”, um Heitor dos Prazeres, um desenho do Mário Cravo entre outros. Ao falar dos quadros revivia, e me levava com ela, para o que havia acontecido quando adquirira cada uma de suas obras de arte. Na verdade, essa é uma de suas características que mais me marcou: ao lembrar de cada fato de sua vida, ela o faz com tanta força, verdade, que transporta, faz imaginar o que aconteceu e como, no exato momento e circunstância do acontecimento (Araújo, 2004, p. 12).

Das experiências da infância e juventude, imersa em uma atmosfera cultural instigante, à vida adulta, em que o gosto pela arte e literatura foram sendo lapidados e ganharam feições originais, Marialzira Perestrello encontrou um refugio e uma forma de existência que conferiram a ela a capacidade de reflexão e elaboração da própria vida. Isto se fez presente, de forma mais concreta, no lastro de duas iniciativas que empreendeu ao longo da vida: a criação literária, através da produção de poemas e a análise psicanalítica da cultura. Tema ao qual dedicou vários dos seus trabalhos psicanalíticos.

Os trabalhos dedicados a história da psicanálise têm como foco principal a psicanálise brasileira. Seu interesse pelo tema teve início em uma época em que as pesquisas relativas à historiografia da psicanálise, sobretudo no Brasil, eram bastante escassas. Em 1986 apresenta o trabalho *Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937)* (Perestrello, 1986), no qual discute a atuação dos precursores que, valendo do autodidatismo difundiram a psicanálise no país nas primeiras décadas do século XX. No ano de 1991 publica *História da psicanálise no Brasil: o ensino nos institutos*, texto no qual descreve a transmissão da disciplina freudiana após a institucionalização da psicanálise no Brasil, com a criação da Sociedade de Psicanálise a partir da década de 1940¹⁴.

Tratam-se de trabalhos bastante decantados que, além de requererem uma pesquisa minuciosa da autora, promoveram a elaboração de sua concepção acerca da introdução da psicanálise no Brasil, fato que foi expresso nos seguintes termos:

Quando, aqui nesta sociedade, há ano, me referi àqueles que, sem formação, se intitulavam psicanalistas, havia certa crítica de minha parte aos precursores. Reformulo o que disse anteriormente. Hoje admiro esses autodidatas que se aprofundaram de fato nas teorias psicanalíticas que as divulgaram, que tentaram – como puderam – usar a técnica analítica, em

¹⁴ Estes trabalhos foram publicados em 1992 no livro *Encontros: psicanálise &*.



épocas em que não havia, no Brasil, psicanalistas formados e formadores (Perestrello, 1992, p. 111).

Ao dedicação e envolvimento com que Marialzira Perestrello abordou o tema da história da psicanálise no Brasil nos anos de velhice, permitem formular a hipótese que seu interesse pelo assunto guardava forte apelo autobiográfico, tendo em vista que muitos dos acontecimentos narrados, enquanto fatos históricos, foram por ela protagonizados.

Do conjunto de sua obra é possível depreender um perfil intelectual que em muito ultrapassa a restrita seara da clínica psicanalítica, tema afeito a maioria dos psicanalistas. Em Marialzira Perestrello encontra-se uma compreensão abrangente da psicanálise na qual a leitura dos fenômenos culturais que a circundam subsidiando sua produção teórica constitui um substrato de imagens e reflexões que enriquece uma prática clínica genuína e original. Neste sentido, Marialzira Perestrello não foi uma aderente a modelos psicanalíticos importados da Europa, sendo antes uma pensadora independente, que se dedicou a refletir sobre a cultura psicanalítica e, principalmente, sobre a cultura psicanalítica brasileira.

Marialzira Perestrello faleceu em 27 de janeiro de 2015 aos 99 anos. Notadamente, soube fazer dos anos de velhice, mesmo quando já estava aposentada, um período bastante produtivo e criativo, demonstrando que a psicanálise e a poesia, tornaram-se elementos inerentes a sua vida.

Referências

- Abrão, J. L. F. (2001). *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta.
- Abrão, J. L. F. (2010). *Virgínia Bicudo: a trajetória de uma psicanalista brasileira*. São Paulo: Arte e Ciência.
- Abrão, J. L. F. (2011). Zaira de Bittencourt Martins: pioneira da psicanálise de crianças no Rio Grande do Sul. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 18(2), 219-236.
- Araújo, A. K. F. (2004). *Marialzira Perestrello: um pouco da vida e obra de uma pioneira da psicanálise no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Bandeira, L. & Melo, H. P. (2010). *Tempos e memórias do feminismo no Brasil*. Brasília: Secretaria de Política para as Mulheres.
- Bicudo, V. L. (1948). Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, 6(1), 69-72.
- Brito, M. S. (1969). *Poesia do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.



- Campos, M. H. F. (Org.). (2001). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Castro, R. D. (2011). Os psiquiatras e a recepção da psicanálise no Rio de Janeiro (1914-1944): recorte cronológico, atores, fontes e horizontes de expectativas. Em *Anais do Simpósio Nacional de História ANPUH, XXVI*. São Paulo: ANPUH. Recuperado em 16 julho, 2014, de www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308159039_ARQUIVO_RafaelCastro-Textocompleto.pdf
- Costa, J. F (1976). *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus.
- Duarte, C. L. (2003). *Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados*, 17(49),151-172.
- Galvão, L. A. P. (1967). Notas para a história da psicanálise em São Paulo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1(1), 46-66.
- Haudenschild, T. R. L. (2004). Modernismo, mulher e psicanálise. Em Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (Org.). *In Memoriam: Virgínia Leone Bicudo, Yutaka Kubo e Adelheid Koch* (pp. 63-71). São Paulo: SBPSP.
- Lobo, R. (1994). As mudanças históricas e a chegada da psicanálise no Brasil. Em L. Nosek, (Org.). *Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo* (pp. 49-55). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mokrejs, E. (1993). *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Montagna, P. (1994). Psicanálise e psiquiatria, São Paulo. Em L Nosek (Org.). *Álbum de Família: imagens, fontes e ideais da psicanálise em São Paulo* (pp. 29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, C. L. M. V. (2006). *História da psicanálise: São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta.
- Perestrello, M. (1986). Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 35(4), 195-208.
- Perestrello, M. (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Perestrello, M. (1992). *Encontros: psicanálise &*. Rio de Janeiro: Imago.
- Perestrello, M. (1994). Vanguardas europeias, modernismo brasileiro e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28(3), 445-457.
- Perestrello, M. (1995). Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(3), 667-674.
- Perestrello, M. (Org.). (1996). *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.



Rocha, G. (1989). *Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1997). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Sagawa, R. (2002). *Duroal Marcondes*. Rio de Janeiro: Imago.

Sagawa, R. (1985). A psicanálise pioneira e os pioneiros da psicanálise em São Paulo. Em S. A. Figueira (Org.). *Cultura da psicanálise* (pp.15-34). São Paulo: Brasiliense.

Nota sobre o autor

Jorge Luís Ferreira Abrão é psicólogo, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Livre-docente em Psicologia Clínica pela UNESP de Assis. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da UNESP de Assis. E-mail: abrao@assis.unesp.br

Data de recebimento: 08/03/2015

Data de aceite: 23/04/2016